

JORNAL: *o. da Bahia* DATA: 09-08-73

CAD: L

PAG: 10

RIO VERMELHO

PREFEITURA  
DE SALVADOR  
TRABALHANDO PARA VOCÊ  
SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Assunto: Bairro (Rio Vermelho)

# Rio Vermelho perdeu marcos históricos em nome do progresso



Parte do patrimônio do  
bairro foi destruída a  
partir da década de 70

Simone Muhr

Muita gente não viu e jamais verá". Esta afirmação foi feita no livro de memórias "O Rio Vermelho e sua tradições" pelo autor e antigo morador Lício Lopes em 1969, quando o bairro ostentava ainda um vasto conjunto arquitetônico datado do fim do século XIX e início deste. Já fazia cerca de 15 anos que o Rio Vermelho havia perdido um grande marco histórico (o único forte de Salvador fora dos limites da Baía de Todos os Santos), quando o bairro começou a sentir mudanças radicais: nas características arquitetônicas, lesando o patrimônio existente, principalmente a partir da década de 70. Muitas construções foram demolidas ou deixadas em ruínas. As que resistiram servem hoje para fins comerciais.

O arquiteto José Saraiva, um dos militantes da luta pela preservação do espaço verde atrás da Igreja de Santana, lembra da lei municipal de 83 prevendo a proteção do centro histórico do Rio Vermelho, mas pelo menos 11 importantes construções já haviam desaparecido. Uma delas é o Forte do Rio Vermelho que não chegou a ser concluído, mas que foi equipado para artilharia. O forte, do século XVI e único de Salvador fora da área da Baía de Todos os Santos, foi destruído em 1953. Cerca de 13 anos depois, a nova Igreja Matriz de Santana seria erguida em cima do que restou das bases da fortaleza.

**Veraneio** — "Rio Vermelho era, no século passado, o que hoje é Arembepe ou Interlagos para Salvador", afirma José Saraiva. Já Ubaldo Marques Porto Filho cita, no

livro "Rio Vermelho", as notas dos jornais da época fazendo referências às famílias que "migravam" para o bairro com a chegada do Verão. A instalação da linha de bondes contribuiu para a invasão. Os atrativos como lembra Saraiva, era o clima e as praias, principalmente da Mariquita e do Forte. "As praias eram maravilhosas e muitos vinham para curar doenças", conta Saraiva. O resultado desta "mudança" dos veranistas para o Rio Vermelho foi "uma economia flutuante, mas segura, centralizada no Largo de Santana", segundo Saraiva, e um rico conjunto arquitetônico em estilo eclético, com predominância art-decô e neo-clássica.

O "arrabalde de veraneio", como era conhecido o Rio Vermelho, contava com três núcleos: Santana, Paciência e Mariquita. Nestes locais foram erguidos requintados sobrados e casarões, levando quase sempre o nome do proprietário, e os moradores eram figuras de destaque da sociedade, como no Casabranca, Palacete Alfredo Magalhães e Sobrado dos Taboados (estes dois últimos foram demolidos).

Em 1945, o início das obras do Parque Cruz Aguiar e a chegada de moradores fixos contribuíram para a mudança das características do Rio Vermelho. Mas as transformações mais radicais vieram mesmo na década de 70, com a especulação imobiliária e a construção das avenidas de vale, como a Garibaldi e Juracy Magalhães Júnior. Os casarões que resistiram às demolições foram ocupados pelo comércio (com raras exceções, como a Casabranca), muitas estragadas pelo tempo e falta de conservação. Além disso, o bairro perdeu as tradicionais famílias com a "cirurgia plástica", como esta mudança foi chamada por Ubaldo Marques.